

I

Estou a sonhar, não há dúvida. Estou no colégio. Tenho quinze anos. Resolvo pacientemente um problema de geometria. Com os cotovelos apoiados nesta carteira negra, utilizo cuidadosamente o compasso, a régua e o transferidor. Sou estudioso e sinto-me tranquilo. Alguns colegas, perto de mim, falam em voz baixa. Um deles está a alinhar números num quadro. Outros, menos empenhados, jogam brídege. De vez em quando, mergulho mais profundamente no sonho e lanço um olhar pela janela. Um ramo de árvore oscila suavemente ao sol. Fico a olhar durante muito tempo. Sou um aluno distraído... Sinto tanto prazer em desfrutar deste sol como em saborear o odor infantil da carteira, do giz, do quadro. Com que alegria me refugio nesta infância tão bem resguardada! Sei muito bem... Primeiro vem a infância, a escola, os companheiros; depois chega o dia em que fazemos exame, em que recebemos um diploma e em que, com um aperto no coração, transpomos um limiar, a partir do qual, de repente, somos homens. Então pisamos o chão com mais força. E logo iniciamos o nosso caminho na vida. Os primeiros passos do caminho. Por fim, traçaremos armas contra verdadeiros adversários. Usaremos a régua, o esquadro, o compasso para construirmos o mundo ou para triunfamos sobre os nossos inimigos. Acabaram-se as brincadeiras!

Sei que, no geral, um colegial não tem medo de enfrentar a vida. Um colegial bate os pés de impaciência. Os tormentos, os perigos, as amarguras de uma vida de adulto não o intimidam.

Mas serei eu um aluno especial? Sou um aluno que vive a felicidade presente e que não tem assim tanta pressa de enfrentar a vida...

Dutertre vai a passar. Convido-o:

— Senta-te aqui, vou-te fazer um truque com cartas...

E fico contente por lhe apanhar o ás de espadas.

Diante de mim, numa carteira tão escura como a minha, Dutertre está sentado com as pernas pendentes. Ri-se enquanto eu sorrio com modéstia. Pénicot junta-se a nós e põe o braço no meu ombro:

— Que tal, velho companheiro?

Meu Deus, como tudo isto é terno!

Um vigilante (será um vigilante?...) abre a porta para chamar dois colegas. Estes largam a régua e o compasso, levantam-se e saem. Seguimo-los com o olhar. Para eles, acabaram-se os estudos. Vão ser largados na vida. O seu saber vai ser útil. Enquanto homens, vão experimentar contra os seus adversários as receitas dos seus cálculos. Que colégio mais estranho este, onde cada um, chegada a sua vez, se vai embora sem grandes despedidas. Aqueles dois colegas nem nos olharam. Contudo, os acasos da vida talvez os levem para mais longe do que a China. Para muito mais longe! Poderão os homens jurar que se irão voltar a ver quando a vida, depois do colégio, os vai dispersar?

Nós, que ainda vivemos na cálida paz da incubadora, baixamos a cabeça...

— Olha, Dutertre, esta noite...

Mas a mesma porta abre-se pela segunda vez. E o que oiço soa-me a um veredicto:

— Capitão Saint-Exupéry e Tenente Dutertre ao Comandante. Acabou-se a escola. É a vida.

— Tu já sabias que era a nossa vez?

— Pénicot voou esta manhã.

Vamos com certeza partir em missão, uma vez que nos convocam. Estamos nos finais de Maio, em plena retirada, em pleno desastre. Sacrificam-se tripulações como quem lança copos de água

num incêndio na floresta. Como se podem avaliar os riscos quando tudo se desmorona? Somos ainda, em toda a França, cinquenta equipas de Grande Reconhecimento. Cinquenta equipas de três homens cada, vinte e três das quais estão connosco, no Grupo 2/33. Em três semanas perdemos dezassete das vinte e três tripulações. Derretemos como a cera. Ontem tinha dito ao Tenente Gavaille:

— Vamos lá ver o que isto vai dar depois da guerra.

E o Tenente Gavaille respondeu-me:

— Meu Capitão, apesar de tudo, ainda tem a pretensão de estar vivo depois da guerra?

Gavaille não estava a brincar. Sabemos muito bem que a única coisa a fazer é lançarmo-nos na fogueira, mesmo que isso seja um gesto inútil. Em toda a França somos cinquenta. Nos nossos ombros pesa toda a estratégia do exército francês! Há uma imensa floresta a arder e para extinguir o incêndio temos de sacrificar alguns copos de água. Pois bem, sacrifiquemo-los.

Está correcto. Quem pensa em se queixar? Nunca se ouviu responder mais nada entre nós que não fosse: «Está bem, meu Comandante. Sim, meu Comandante. Obrigado, meu Comandante. Compreendido, meu Comandante.» Contudo, há uma impressão que domina todas as outras neste final de guerra. É a do absurdo. Tudo se despedaça, tudo se desmorona à nossa volta. É tudo tão forte que a própria morte parece absurda. No meio deste desvario, não se leva a morte a sério.

Entramos no gabinete do Comandante Alias. (Ele ainda hoje comanda, em Tunes, o mesmo Grupo 2/33.)

— Bom dia, Saint-Ex. Bom dia, Dutertre. Sentem-se.

Sentámo-nos. O Comandante desdobra um mapa em cima da mesa e volta-se para o soldado de plantão.

— Vá-me buscar a meteorologia.

Em seguida começa a bater com o lápis no tampo da mesa. Observo-o. Tem uma expressão marcada. Não dormiu. Andou num vaivém, de carro, à procura de um Estado-Maior fantasma, o Estado-Maior da Divisão, o Estado-Maior da Subdivisão... Tentou lutar contra os armazéns de abastecimento que não entregavam as peças de substituição. Na estrada, meteu-se em engarrafa-

mentos inextricáveis. Dirigiu também a última mudança, o último realojamento, porque nós mudamos de lugar como pobres diabos perseguidos por um oficial de diligências inexorável. Em todas estas ocasiões, Alias conseguiu salvar os aviões, os camiões e dez toneladas de material. Mas vemo-lo esgotado, com os nervos em franja.

— Ora bem, vejamos...

Continua a tamborilar no tampo da mesa e não olha para nós.

— É muito chato...

Encolhe os ombros e continua:

— É uma missão muito chata, mas eles insistem, no Estado-Maior. Insistem, insistem... Discuti com eles, mas insistem... É assim.

Através da janela, Dutertre e eu olhamos o céu sereno. Oíço o cacarejar das galinhas, pois o gabinete do Comandante está instalado numa quinta, tal como a Sala de Instruções está numa escola. Não confrontarei a morte, tão próxima, com o Verão, com os frutos que amadurecem, com os pintos que engordam e com os tri-gais que se erguem. Não vejo como a calma do Verão possa contradizer a morte, nem por que motivo a doçura das coisas se assemelha a uma ironia. Mas, de repente, surge-me uma ideia vaga: «É um Verão a desfazer-se, um Verão avariado...» Vi debulhadoras abandonadas. Ceifeiras-enfardadeiras abandonadas. Carros avariados e abandonados nas valas das estradas. Aldeias abandonadas. Numa fonte de uma aldeia deserta a água continuava a correr. A água pura transformava-se em charco, essa água que tantos cuidados custara aos homens. De repente, surgiu-me uma imagem absurda: a dos relógios avariados, de todos os relógios avariados. Relógios das igrejas da aldeia. Relógios das estações de caminho-de-ferro. Relógios de chaminé de casas vazias. E, na montra de um relojoeiro em fuga, um verdadeiro ossário de relógios mortos. A guerra... já ninguém dá corda aos relógios. Já ninguém apanha as beterrabas. Já ninguém repara os vagões. E a água, que era captada para matar a sede ou para branquear as belas rendas domingueiras das aldeãs, está espalhada num charco diante da igreja. E há gente que morre no Verão...

É como se eu tivesse uma doença. O médico acabou de me dizer: «É muito chato...» Preciso pois de pensar no notário, de pensar nos que ficam. Tanto eu como Dutertre compreendemos logo que se trata de uma missão de sacrifício:

— Dadas as actuais circunstâncias — conclui o Comandante —, não se pode ter muito em conta o risco...

Evidentemente. Não se pode «ter muito em conta». E ninguém tem culpa. Nem nós, por nos sentirmos melancólicos. Nem o Comandante por estar pouco à vontade. Nem o Estado-Maior por dar as ordens. O Comandante resmunga porque estas ordens são absurdas. Nós sabemos-lo, mas o próprio Estado-Maior também o sabe. Dá ordens porque é preciso dar ordens. No decurso de uma guerra, um Estado-Maior tem de dar ordens. Confia-as a belos cavaleiros, ou, em tempos mais modernos, a motociclistas. Ali, onde reinava a desordem e o desespero, cada um destes garbosos cavaleiros salta de um cavalo fumegante. Mostra o Futuro como a estrela dos Reis Magos. Traz consigo a Verdade. E as ordens reconstroem o mundo.

É este o esquema da guerra. A imagem colorida da guerra. E todos dão o seu melhor para que a guerra se pareça com a guerra. Piedosamente. Todos se esforçam para cumprir bem as regras. Pode ser que assim esta guerra chegue mesmo a parecer-se com uma guerra.

E é precisamente para que se pareça com uma guerra que se sacrificam, sem objectivos claros, as tripulações. Ninguém confessa que esta guerra não se parece com nada, que nada nela faz sentido, que nenhum esquema se lhe adapta, embora ainda se puxem com seriedade os fios que já não comunicam com as marionetas. Os Estados-Maiores expedem com convicção estas ordens que não vão chegar a parte alguma. Exigem-nos informações que são impossíveis de recolher. A aviação não pode assumir a tarefa de explicar a guerra aos Estados-Maiores. Com as suas observações, o que a aviação pode fazer é controlar as hipóteses. Mas já não há hipóteses. E, na verdade, o que se pede a cinquenta tripulações é que modelem o rosto de uma guerra que o não tem. Dirigem-se a nós como a uma tribo de cartomantes. Olho para Dutertre, o meu observador-cartomante. Ontem mesmo, objectava ele a um coronel da Divisão: